

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS**

ERICK PANTOJA VINENTE

**AS LENDAS REGIONAIS AMAZÔNICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
POR MEIO DA PERCEPÇÃO SURDA**

Parintins-AM
2023

ERICK PANTOJA VINENTE

**AS LENDAS REGIONAIS AMAZÔNICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
POR MEIO DA PERCEPÇÃO SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Graduação em Letras – Língua Portuguesa e
Literaturas, da Universidade do Estado do
Amazonas, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. MSc. Marlon Jorge Silva
de Azevedo

Parintins-AM
2023

ERICK PANTOJA VINENTE

**AS LENDAS REGIONAIS AMAZÔNICAS EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
POR MEIO DA PERCEPÇÃO SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 14 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSc. Marlon Jorge Silva de Azevedo (UEA)
Orientador

Profª. Drª. Francisca Keila de Freitas Amoedo (UEA)
Membro Interno

Prof. MSc. Mariê Augusta de Souza Pinto (SEDUC)
Membro Externo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus familiares, amigos e professores por dividirem comigo as vitórias e as dificuldades da minha vida. Por me compreenderem e serem minha força e minha base em tudo que faço, que me apoiaram sempre e eu consegui chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e a minha família que são as razões dos meus esforços.

Aos meus professores da Universidade que me auxiliaram durante esse processo de construção da pesquisa.

Aos colegas que comigo estiveram durante o curso e aos acadêmicos surdos que contribuíram para pesquisa.

Aos meus colegas e amigos da turma Let18 do curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins.

Aos meus professores do curso de Letras que me ensinaram muito, em especial, ao meu orientador professor MSc. Marlon Jorge Silva de Azevedo.

À minha coorientadora professora Dra. Francisca Keila de Freitas Amoedo que me apoiou durante toda a minha trajetória acadêmica na UEA.

À minha amiga, tutora e intérprete Dayane Pontes que me ajudou em meus estudos desde o primeiro dia que entrei nesta universidade.

Às amigas Sabrina, Terciane, Sophia e Luana Rosa que estão sempre comigo nos estudos e nas conversas diárias.

Aos amigos, acadêmicos surdos e intérpretes do Núcleo de Acessibilidade, principalmente, o amigo Ian que sempre esteve comigo me apoiando e me incentivando.

Muito obrigado a todos. A vocês minha gratidão.

*A língua de sinais é uma das principais
marcas da identidade de um povo surdo,
pois é uma das peculiaridades da cultura
surda, é uma forma de comunicação
capta as experiências visuais dos sujeitos
surdos.*

Karin Strobel

RESUMO

A pesquisa intitulada “As lendas regionais amazônicas em Língua Brasileira de Sinais por meio da percepção surda” tem como objetivo geral oportunizar às pessoas surdas e ouvintes o conhecimento acerca das lendas amazônicas mais populares através da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na cidade de Parintins-AM, buscamos construir cartilhas com desenhos e adaptações das lendas amazônicas em língua portuguesa e em datilografia da Libras para compartilhar o acesso às lendas amazônicas em escolas, universidades e comunidade em geral como forma de divulgar a cultura surda e a língua de sinais. Tendo como aporte teórico as pesquisas de Strobel (2008), Vilhalva (2004), Perlin (1988), Karnopp (2008) e Azevedo (2015) sobre estudos surdos e os autores Cascudo (2003; 2006), Pozzetti (2015) e Almeida (2005) para o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa com enfoque dialético que busca analisar uma realidade social. O interesse pela temática pesquisada é fruto das experiências do pesquisador surdo durante a trajetória acadêmica participando de atividades de projetos de extensão e monitoria que relacionavam às lendas amazônicas com a literatura surda. Nesse sentido, o presente trabalho espera contribuir social e cientificamente para a popularização da cultura e identidade surda na cidade de Parintins-AM.

Palavras-chave: Libras. Lendas Amazônicas. Literatura Surda.

ABSTRACT

The research entitled "The Amazonian regional legends in Brazilian Sign Language through deaf perception" has the general objective of giving deaf and hearing people the opportunity to learn about the most popular Amazonian legends through Brazilian Sign Language (Libras) in the city of Parintins-AM. We sought to build booklets with drawings and adaptations of Amazonian legends in Portuguese and in Libras typing to share access to Amazonian legends in schools, universities and the community in general as a way of disseminating deaf culture and sign language. Theoretically, the research was based on Strobel (2008), Vilhalva (2004), Perlin (1988), Karnopp (2008) and Azevedo (2015) on deaf studies and the authors Cascudo (2003; 2006), Pozzetti (2015) and Almeida (2005) for the development of a qualitative bibliographical research with a dialectical approach that seeks to analyze a social reality. The deaf researcher's interest in the subject is the result of his experiences during his academic career, taking part in extension and monitoring project activities that related Amazonian legends to deaf literature. In this sense, this work hopes to contribute socially and scientifically to the popularization of deaf culture and identity in the city of Parintins-AM.

Keywords: Libras. Amazonian legends. Deaf literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: LENDAS AMAZÔNICAS EM CONTEXTO SURDO.....	12
1.1 LENDAS: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS	12
1.2 CULTURA E IDENTIDADE SURDA	14
1.3 LITERATURA SURDA	17
1.4 LIBRAS: ALFABETO MANUAL OU DATILOLOGIA	20
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
2.1 ETAPAS DA PESQUISA.....	23
CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS RESULTADOS	25
3.1 PERCEPÇÃO SURDA SOBRE NARRATIVAS LENDÁRIAS.....	25
3.2 TRADUÇÃO DAS LENDAS AMAZÔNICAS.....	27
3.2.1 Lenda do Boto	29
3.2.2 Lenda do Curupira	30
3.2.3 Lenda do Jurupari	31
3.2.4 Lenda da Yara	32
3.2.5 Lenda da Cobra Grande	33
3.2.6 Lenda do Guaraná.....	34
3.3 PRODUÇÃO DAS CARTILHAS.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
ANEXOS.....	10

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Páginas do livro “A cigarra e as formigas”	19
Figura 2: Páginas do livro “Onze histórias e um segredo”	19
Figura 3: Alfabeto manual ou datilológico.	20
Figura 4: Lenda do Boto.....	29
Figura 5: Lenda do Curupira	30
Figura 6: Lenda do Jurupari	31
Figura 7: Lenda da Yara.....	32
Figura 8: Lenda da Cobra Grande.....	33
Figura 9: Lenda do Guaraná	34
Figura 10: Páginas da cartilha.	36
Figura 11: Páginas da cartilha.	37

INTRODUÇÃO

O universo das lendas é próprio da região amazônica e de muitas regiões do Brasil. As pessoas crescem conhecendo essas narrativas, de seres encantados que vivem nas florestas e nos rios. Para a comunidade surda, o contato com essas narrativas também acontece e faz parte da cultura e do povo surdo amazônico.

Assim como as lendas são passadas de geração em geração, de pais para filhos, de avós para netos, a comunidade surda também tem acesso às essas narrativas por meio da Língua Brasileira de Sinais, uma língua visuoespacial que possibilita comunicação e expressão do povo surdo.

É a Libras, reconhecida no Brasil em 2002, o artefato cultural da comunidade surda, que marca também sua identidade linguística. Para a comunidade ouvinte, grande parte das narrativas lendárias foram transmitidas oralmente, para a comunidade surda o compartilhamento das lendas se dá por meio da literatura surda.

Assim, destacamos que a literatura surda é uma forma de expressão da cultura surda, através dela o povo surdo se ressignifica e produz uma literatura que reproduz a realidade do ser surdo. Da mesma forma que a literatura possibilita uma representação da realidade, do ser humano e da vida, a literatura surda também busca apresentar ou ressignificar a literatura já existente para que o povo surda possa se ver incluído nessa literatura.

Nesse sentido, este Trabalho de Conclusão de Curso trouxe enquanto inquietação a seguinte problemática: Qual a percepção surda acerca das lendas regionais amazônicas na cidade de Parintins-AM? Partindo disso, a pesquisa teve como objetivo geral oportunizar às pessoas surdas e ouvintes o conhecimento sobre das lendas amazônicas mais populares através da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Além disso, foram delimitados os objetivos específicos para que pudéssemos prosseguir com a pesquisa e, assim, apresentar um resultado satisfatório para a comunidade surda e comunidade ouvinte, em meio aos objetivos específicos destacamos a construção de cartilhas em formato de histórias ilustradas com as adaptações das lendas amazônicas em língua portuguesa e em datilologia da Libras para compartilhar o acesso às lendas amazônicas adaptadas em Libras para as escolas, universidades e comunidade em geral e, dessa forma, divulgar a cultura surda e a Libras.

O interesse pela temática da pesquisa parte da convivência com as narrativas regionais próprias da região amazônica, também no ambiente familiar tendo contato com as lendas que eram narradas em sinais pelos familiares e ter vivido no interior da cidade de Parintins.

Optamos pela produção de cartilhas que apresentem lendas amazônicas comuns e que fazem parte da memória coletiva de Parintins-AM e também são de conhecimento do pesquisador que teve contato com essas lendas que foram contadas por familiares e foram estudadas durante o curso de licenciatura em Letras no CESP-UEA.

As lendas foram gravadas, traduzidas para a língua portuguesa e ilustradas. Escolhemos apresentar as lendas por meio da datilologia dos textos em português. A escolha pela datilologia é resultado da experiência das atividades de monitoria na disciplina de Libras no curso de Letras. Percebemos a dificuldade dos acadêmicos na sinalização das letras do alfabeto em Libras.

Nesse sentido, a cartilha das lendas em datilologia possibilita que as pessoas ao lerem os textos, também pratiquem sinalização do alfabeto, considerando que muitos sinais da Libras utilizam a configuração de mão das letras do alfabeto. O uso das cartilhas, além de auxiliar acadêmicos em processo de estudo da Libras no ensino superior, também pode ser utilizado como material pedagógico com crianças que estão aprendendo ainda Libras como forma de desenvolver a coordenação motora e a aprendizagem do alfabeto manual.

A pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo abordamos o referencial teórico que apresenta as seguintes temáticas: Lendas: conceitos e características; Cultura e identidade surda; Literatura surda; e Libras: alfabeto manual ou datilologia. O segundo capítulo explica os procedimentos metodológicos e as etapas da pesquisa. Por fim, apresentamos o produto final com a análise dos resultados para a produção das cartilhas.

Desta maneira, a presente pesquisa buscou evidenciar a cultura surda e Libras a partir das lendas amazônicas, apresentando para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral aspectos importantes da identidade surda. Esperamos que o trabalho contribua para futuras pesquisas na área dos estudos surdos.

CAPÍTULO I: LENDAS AMAZÔNICAS EM CONTEXTO SURDO

1.1 LENDAS: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

As lendas fazem parte da cultura literária. A literatura é uma forma de expressão da cultura e da identidade das sociedades e de povos, representam uma forma de compreender o mundo e o ser humano. Dentro da literatura estão presentes identidades e representatividades culturais, étnicas, linguísticas, sociais e políticas. Pela importância que a literatura exerce na sociedade, ela apresenta uma natureza social, política, econômica, cultural e regional.

Para Cascudo (2006, p. 52-53):

A lenda é um elemento da ficção. Determina um valor local. Explicar um hábito ou uma romaria religiosa igual em várias partes do mundo, semelhantes há dezenas de séculos diferem em pormenores, e essa diferenciação caracteriza-a, sinalando o típico, imobilizando-a num ponto certo da terra sem que o documento histórico garanta veracidade, o povo ressuscita o passado, indicando as passagens, mestrando. Como referências indiscutíveis para a verificação racionalista, os lugares onde o fato ocorreu.

O autor explica que as lendas fazem parte da identidade de um local, elas determinam e justificam os fatos que ocorrem. Apesar de serem ficcionais, as lendas carregam a memória coletiva de um povo. Algumas narrativas se apresentam semelhantes, mas em lugares diferentes, e cada povo ou cultura caracteriza a lenda de acordo com sua identidade.

As lendas amazônicas, por exemplo, são marcadas pela imagem indígena e religiosa, trazendo sempre as florestas, os rios, os animais, a natureza em geral como parte principal das narrativas. A Amazônia é o cenário principal e os habitantes da região são seus personagens. Homens e mulheres que se transformam em seres encantados e compõem as lendas amazônicas, explicando as origens do mundo e das coisas.

A Amazônia comporta um dos maiores repertórios de lendas do planeta, cujas temáticas se prestam extraordinariamente a dramaturgia. Produtos da oralidade, as lendas são o legado dos antepassados que passam de geração a geração. Funcionam como um baú, que guarda mistérios, conhecimentos, histórias e sentimentos e aos espíritos sensíveis ao maravilhoso, todo este repertório prefigura-se como formas artísticas, fictícias, fabulísticas, heroicas e divinas, sem a preocupação da inteligibilidade pela razão (Pozzetti, 2015, p. 25).

Historicamente, as lendas são consideradas produtos apenas da oralidade, sendo caracterizada como Literatura Oral, aquela que é transmitida por narrativas que se propagam nas famílias e comunidades. Normalmente por meio da contação de histórias, quando por exemplo os idosos reúnem as crianças em crianças em barracões ou varandas das casas e começam a contar causos e histórias dos seres encantados da floresta.

No entanto, é importante considerar que as lendas não são produtos apenas da oralidade. As lendas também fazem parte da comunidade surda e são transmitidas entre avós, pais, filhos e netos por meio da visualidade, pois as línguas de sinais são caracterizadas por uma gramática visuoespacial.

Pozzetti (2015, p. 13) explica que:

As lendas surgem agregadas aos ensinamentos, aos medos a incompreensão e a vida na sociedade organizada, são fundamentadas em fatos reais ou imaginários e ganham novo acordes na medida em que os narradores as alteram, buscando comprovar os fenômenos que lhes pareçam inexplicáveis. Sendo o imaginário a essência das lendas, estas figuram como narrativas que ornamentam, identificam e caracterizam os lugares e os povos.

As lendas também apresentam um sentido religioso, das crenças e das divindades que concedem desejos, amaldiçoam ou ressignificam os seres humanos. Como as lendas indígenas que tem Tupã ou Jurupari, deuses indígenas que entram em contato com os seres humanos e fazem parte de muitas narrativas lendárias indígenas, principalmente, quanto a origem das coisas. É do corpo da jovem Mani que surge a mandioca. É dos olhos do pequeno indígena abençoado por Tupã que se origina o guaraná.

Nesse sentido, Cascudo (2003, p. 215) define que:

A lenda deleita, encanta, mas não inutiliza o homem, não o amesquinha, não o torna covarde a ponto de muitas vezes repetir a fábula arrepiado e assombrado [...] As lendas como as plantas transplantadas, também medram, e conforme a civilização do povo, perdem-se, ou vigoram enfeitando-se com as cores locais.

De acordo com Pozzetti (2015), as lendas tiveram seus primeiros registros na região amazônica a partir do século XVIII. Nesse período, já havia alguns textos e documentos, como cartas de viajantes que narravam experiências de terem encontrado esses seres encantados ao navegarem pelos rios amazônicos e explorarem as florestas. Os viajantes buscavam nesses relatos explicar os

acontecimentos da região além da lógica científica, explicando a Amazônia pela lógica do imaginário.

Cascudo (2003, p. 205) aponta que as lendas fazem parte da tradição de um povo:

As lendas entre todos os povos são a tradição viva do pensamento primitivo e do desenvolvimento intelectual das épocas de sua origem. Entre alguns constitui a base dos contos populares com que se embala a infância, inoculando assim a superstição, que tarde ou nunca se apaga do espírito, quando uma instrução, que tarde ou nunca se apaga do espírito, quando uma instrução sabida e a observação não educam o aquele que tem o mais fraco. Quase sempre o mito origina a lenda, e em alguns povos esta caracteriza o seu desenvolvimento moral.

É nesse sentido regional que as lendas se desenvolvem, para cada região do Brasil, o folclore se desenvolve a partir de narrativas que contam sobre a história daquele povo, que se identifica com as lendas, acreditam na sua autenticidade e justificam suas crenças, respondem às perguntas e dúvidas, explicam os acontecimentos daquela região.

Quando se trata das lendas amazônicas, estas se caracterizam por trazer a floresta, os rios, os animais como parte principal das narrativas. As lendas amazônicas descrevem a vida do povo ribeirinho e tentam explicar os fatos do cotidiano dos povos da floresta e de áreas interioranas. As lendas narraram, em sua maioria, a preservação do meio ambiente, apresentando seres encantados que vivem na floresta amazônica e protegem as matas.

1.2 CULTURA E IDENTIDADE SURDA

A história da comunidade surda no mundo e no Brasil passam por uma trajetória marcada por exclusão e preconceitos, mesmo com os avanços das políticas de inclusão, ainda hoje falta um maior reconhecimento quanto a cultura e identidade surda. Em parte, a sociedade atual continua a reproduzir preconceitos, como utilizar o termo surdo-mudo, uma expressão que não é aceita pela comunidade surda, pois o surdo possui manifesta sua fala e sua voz por meio da língua de sinais.

Por isso, Strobel (2009, p. 6) define que “o povo surdo é grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão”. A

pessoa surda tem uma língua e cultura própria, para os surdos brasileiros, sua língua materna é Libras e tem sua cultura surda que reflete a forma como o ser surdo percebe o mundo e pessoas, por uma experiência visual.

Azevedo (2015, p. 22-23) explica que:

O ser humano se expressa através da língua e a partir dela estabelece sua cultura, valores e padrões sociais. Para os surdos brasileiros, a Libras estabelece essas condições, pois considera a modalidade visual-espacial e associa características sociolinguísticas, as funções pragmáticas e discursivas semelhantes às línguas orais, porém, a Língua de Sinais por muito tempo não foi percebida enquanto estrutura linguística. A LIBRAS, como toda Língua de Sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual uma vez que faz uso para a comunicação de movimentos gestuais e expressões faciais percebidos pela visão.

O surdo compreende o mundo e a vida por meio de experiências visuais, tendo a língua de sinais, como língua materna, e língua portuguesa como segunda língua. Para explicar isso, Strobel (2008) apresenta artefatos culturais do povo surdo que compõem as particularidades da cultura surda, dos quais destacaremos a experiência visual, a língua de sinais e a literatura surda.

Strobel (2008, p. 38) explica que “O primeiro artefato da cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de suas subjetividades”. Considerando que a língua de sinais é uma língua de modalidade visuoespacial, é por meio da visão que o surdo constrói sua identidade e vivencia a cultura.

Shirley Vilhalva, uma pesquisadora surda, destaca que foi através do contato com a comunidade surda que ela conseguiu compreender os significados presentes no mundo, somente conhecendo a língua de sinais é que foi possível vivenciar e perceber a vida.

Eu tive um renascer ao estar na comunidade surda, aquele sentimento de estar só no mundo acabou e o medo das pessoas foi diminuindo e assim através da Língua de Sinais eu comecei a entender os significados dos sentimentos, das coisas, das pessoas, das ações e muito mais das palavras. Eu comecei a viver realmente como as demais pessoas e entender o porquê de minha existência, [...] isso eu só encontrei quando entrei para o mundo totalmente visual-espacial na comunidade surda. (Vilhalva, 2004, p. 37),

Antes do contato com a comunidade surda e do início da experiência visual de Vilhalva (2008), a pesquisadora surda se sentia só no mundo porque a sociedade não desenvolve práticas inclusivas de acessibilidade que possibilite que os surdos

interajam nos espaços sociais. Strobel (2008, p. 41) ressalta que “Muitas vezes a sociedade dificulta a participação dos sujeitos surdos, deixando de colocar muitos recursos visuais que promovem suas acessibilidades em vários espaços”.

O sujeito surdo constrói seus conhecimentos e tem acesso às informações utilizando a língua de sinais. Strobel (2008) apresenta a língua de sinais como o artefato linguístico da comunidade surda que constitui uma das principais características que dá identidade ao povo surdo. A língua de sinais é forma de comunicação e expressão da cultura surda a partir das experiências visuais que possibilitam ao povo surdo perceber o mundo com autonomia.

Azevedo (2015, p. 27) destaca que o contato com a língua de sinais deve ser estabelecido desde a infância, pois:

[...] é de importância fundamental a criança surda esteja em contato linguístico com a língua de sinais o mais cedo possível, seja com a comunidade surda ou com seus pais ouvintes que adquiriram a Língua de Sinais como L2. Estes fatores irão influenciar a criança estabelecer a sua identidade e cultura surda naturalmente.

Perlin (1988) também destaca a importância do encontro com a comunidade surda como forma de construção da identidade. É através da relação com outras identidades surdas e experiências visuais que o sujeito surdo firma sua compreensão sobre quem é no mundo e sua subjetividade. “O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como um abrir o baú que guarda os adornos que faltam ao personagem” (Perlin, 1988, p. 54).

Assim como em qualquer outra cultura, a comunidade surda também produz suas próprias narrativas por meio da literatura surda que é mais um dos artefatos culturais do povo surdo. A literatura surda “[...] traduz memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros” (Strobel, 2008, p. 66).

A literatura surda está presente na poesia, na piada, no romance, nas lendas, nas mais diversas manifestações literárias que envolvem as experiências visuais, a língua de sinais, as expressões facial e corporal, pois o “[...] artista surdo cria arte para que mundo saiba que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de "olhar" e interpretar cultura surda” (Strobel, 2008, p. 66).

A marca da identidade do povo surdo se faz na sua cultura e em comunidade, lendo o mundo pela visão, falando com o mundo pelas mãos, se expressando ao

mundo com o corpo porque o povo surdo tem sua própria cultura e uma “voz” sinalizada. O ser surdo se reconhece surdo por suas experiências visuais, identitárias, linguísticas, culturais e artísticas próprias que expressam a “voz” da comunidade surda.

1.3 LITERATURA SURDA

O povo surdo é comunidade linguística que tem a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, seu principal artefato linguístico-cultural, reconhecida no Brasil pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Um povo que tem cultura e identidade próprias, que compreende o mundo por meio da experiência visual, mas “[...] que por muitos dos anos, os surdos travaram grandes batalhas pela afirmação da sua identidade, da comunidade surda, da sua língua e da sua cultura, até alcançarem o reconhecimento que têm hoje” (Amoedo, 2020, p. 53).

Por ter uma cultura própria, a comunidade surda também produz sua própria literatura, e suas produções literárias trata-se de apresentar o universo surdo para as narrativas, produzindo histórias autorais e também adaptações de textos clássicos e regionais para a Libras e a escrita de sinais.

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, conta da língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são freqüentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. (Karnopp; Machado, 2006, p. 3).

Karnopp (2008) destaca que a literatura surda é transmitida comparando-se com a Literatura Brasileira, assim como as narrativas que são contadas oralmente de geração em geração, a literatura surda também tem essa tradição, as histórias são contadas em sinais. É muito difícil que se tenha registros passados da literatura surda, porque diferente da literatura oral ou escrita, a língua de sinais por muito tempo foi proibida de ser utilizada pela comunidade surda.

Nas escolas, não havia espaço nem aceitação para as produções literárias em sinais. No entanto, acreditamos que entre os surdos circulavam histórias sinalizadas, piadas, poemas, histórias de vida, mas em espaços que ficavam longe do controle daqueles que desprestigiavam a língua de sinais. (Karnopp, 2008, p. 3).

O Congresso de Milão que aconteceu em 1880, atrasou o desenvolvimento educacional e cultural do povo surdo, quando proibiu o uso da língua de sinais na educação de surdos. Dessa forma, os registros literários surdos são mais contemporâneos e surgiram a partir do avanço da tecnologia com a “[...] gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português” (Karnopp, 2008, p. 2).

Mas as produções em literatura surda ainda eram reduzidas, somente começaram a ser mais produzidas como o reconhecimento da Libras e tecnologia possibilitou que produtos em Libras pudessem ser gravados ou que os sinais fossem registrados.

As produções culturais de pessoas surdas envolvem, em geral, o uso de uma língua de sinais, o pertencimento a uma comunidade surda e o contato com pessoas ouvintes, sendo que esse contato lingüístico e cultural pode proporcionar uma experiência bilíngüe a essa comunidade. (Karnopp, 2008, p. 6).

A literatura surda possibilita a difusão da comunidade surda, também resulta em um reconhecimento e protagonismo, pois faz com as comunidades linguísticas ouvintes compreendam o povo surdo, entendendo que este possui uma cultura e identidade próprias, tem uma língua materna diferente, com gramática contextualizada e variação linguística de acordo com a região, espaços sociais e história.

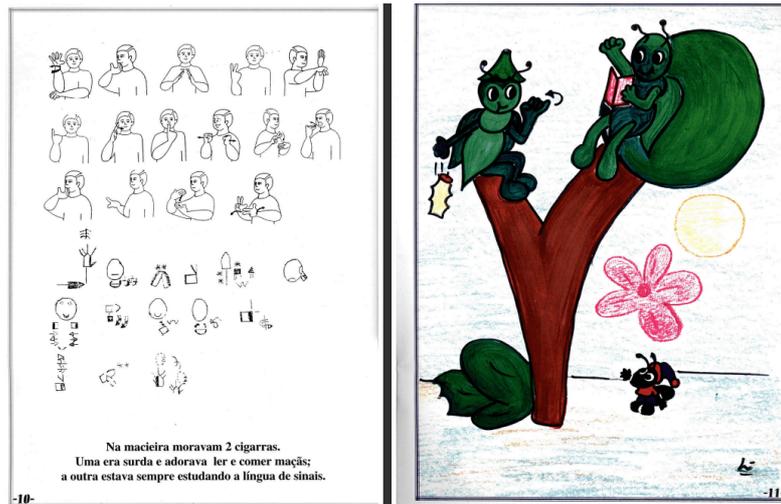
No Brasil, temos alguns dos materiais que foram produzidos pela editora Arara Azul de clássicos da literatura brasileira infantojuvenil e disponibilizados em LIBRAS/Português, por exemplo, Alice no País das Maravilhas. Karnopp (2008) faz um mapeamento dos livros produzidos com a temática surdez, em língua de sinais e/ou surdos a partir dos anos 2000.

Tibi e Joca (Bisol, 2001), A cigarra e as formigas (Oliveira; Boldo, 2003), Kit Libras é Legal (2003), O Som do Silêncio (Cotes, 2004), Cinderela Surda (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003), Rapunzel Surda (Silveira; Rosa; Karnopp, 2003), Adão e Eva (Rosa; Karnopp, 2005), Patinho Surdo (Rosa; Karnopp, 2005). (Karnopp, 2008, p. 10).

Algumas dessas obras foram traduzidas para a Libras ou escrita de sinais, também apresentam ilustrações, considerando que a comunidade surda é visual, o uso de imagens nas narrativas é importante para a compreensão da história. Outras obras clássicas são ressignificadas para o contexto surdo, a exemplo temos, a

“Cinderela Surda”, “Rapunzel Surda” e “Patinho Surdo” e “A cigarra surda e as formigas”.

Figura 1: Páginas do livro “A cigarra e as formigas”.



Fonte: Extraídas da obra “A cigarra e as formigas”. Oliveira; Boldo, 2003.

No contexto amazônico, podemos destacar a obra “Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas”, organizado pela professora Taísa Aparecida Carvalho Sales e a equipe de autores formada pelos do 4º período do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), no ano de 2015. A obra reuniu lendas da literatura amazônica em contexto surdo, com a presença de personagens surdos, da língua e da escrita de sinais (Salles, 2016).

Figura 2: Páginas do livro “Onze histórias e um segredo”.



Fonte: Extraídas da obra “Onze histórias e um segredo”. Salles, 2016.

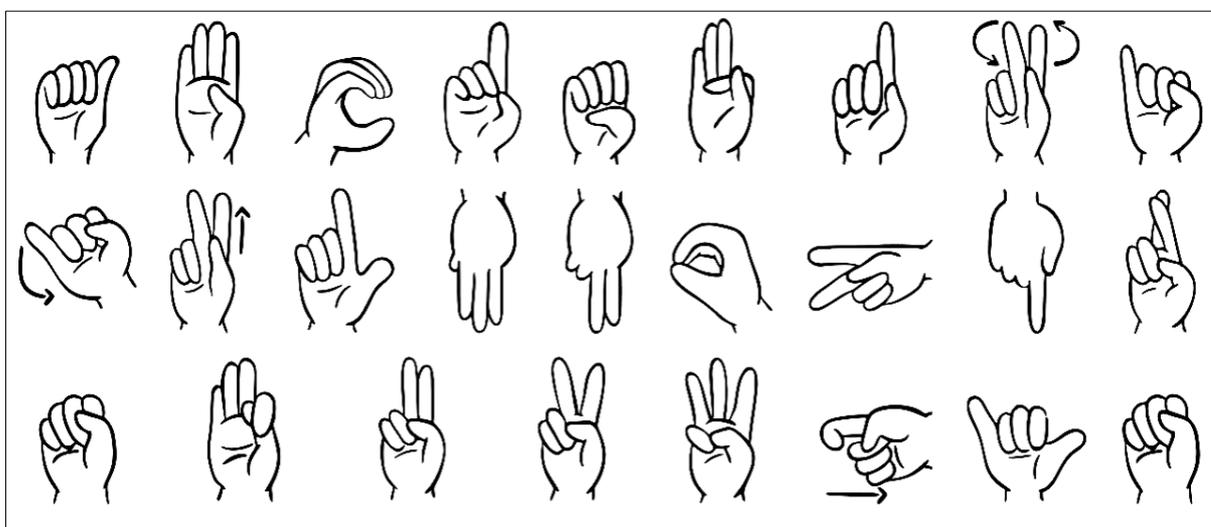
A obra apresenta as lendas: A Cobra grande; Mappinguari, lenda do Uirapuru; O Boto cor-de-rosa surdo; lenda da Vitória-régia; lenda da Mandioca; lenda do Guaraná, lenda do Pirarucu; lenda da Iara; Kauane, uma guerreira surda; e O amor faz nascer um povo: a lenda a Família Baré Surda. Essas lendas são ilustradas e se apresentam em língua portuguesa e escrita de sinais, trazendo nas lendas narradas o contexto surdo por meio de uma literatura visual.

1.4 LIBRAS: ALFABETO MANUAL OU DATILOLOGIA

O primeiro registro do alfabeto manual é datado no século XVI, pelo monge beneditino Pedro Ponce de León (1520-1584), do monastério de Onã, em Burgos. Através da metodologia utilizada por Ponce de León com o alfabeto manual, o monge conseguiu instruir três alunos surdos a falar grego, latim e italiano, além dos conhecimentos relacionados a física e astronomia. Em 1620, o alfabeto manual foi publicado por Juan Martin Pablo Bonet no livro "Reduccion de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos", que criou um método de ensino da fala para surdos (Fernandes, 2018).

Nesse sentido, uso do alfabeto manual ou datilologia pode ser utilizado como uma forma de desenvolver os conhecimentos sobre a língua de sinais. Considerando os parâmetros da Libras, configuração da mão, movimento, locação, orientação de mão e expressões não manuais.

Figura 3: Alfabeto manual ou datilológico.



Fonte: Arquivo pessoal. Vinente, 2023.

Aqui destacamos a configuração de mão que é forma como a mão e dedos se posicionam para a execução de sinal, composta pela datilologia (alfabeto manual) ou outras maneiras feitas pela mão predominante ou pelas duas mãos. Ressaltamos que as configurações de mão não são apenas o alfabeto manual, reúne cerca de 64 configurações, destas 23 correspondem a datilologia (Ferraz, 2019).

O uso da datilologia é uma forma de explorar a língua de sinais, tomando-a de forma criativa, como por exemplo, através das lendas amazônicas. Sem dúvida, a língua de sinais não se reduz somente ao alfabeto manual, é uma língua completa que possui uma gramática própria.

É importante ressaltar que a datilologia é apenas um dos recursos visuais que podem ser explorados na língua de sinais no processo inicial de aquisição da língua por pessoas surdas e ouvintes e também para a aquisição de uma segunda língua, como a língua portuguesa para os surdos.

Fernandes (2018, p. 50) define que:

Um dos mais importantes recursos da comunicação visual é o alfabeto manual ou alfabeto datilológico. É importante verificar atentamente os detalhes na configuração de mão de cada uma das letras do alfabeto, pois algumas semelhanças podem ocasionar “ruídos” na comunicação em caso de engano.

Quadros e Schimiedt (2006) destacam que no processo de ensino-aprendizagem é importante a exploração do alfabeto manual e das configurações de mão porque ler os sinais das letras vai auxiliar na leitura da palavra e, conseqüentemente, na escrita em português.

Dessa forma, analisando o “[...] contexto da educação bilíngue para surdos, o alfabeto manual constitui-se como importante recurso para letramento, uma vez que é a versão manual para as letras do alfabeto” (Fernandes, 2018, p. 51). Mas esse processo de letramento deve ocorrer primeira em língua de sinais e a partir disso fazer a relação com as letras em português. Pois o alfabeto manual ou a datilologia é uma expressão sinalizada das letras escritas do português.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos a metodologia da pesquisa com a descrição das etapas realizadas. É importante entender que para o pesquisador toda investigação desenvolvida deve “[...] contribuir para a formação de uma consciência crítica ou um espírito científico do pesquisador” (Prodanov; Freitas, 2023, p. 44).

A metodologia deste trabalho baseia-se, inicialmente, em uma pesquisa bibliográfica sobre a temática investigada, neste caso, as lendas amazônicas sob a perspectiva de um pesquisador surdo. Primeiramente, buscamos pesquisar sobre autores e obras com a temática da pesquisa com destaque a autores surdos.

Lakatos e Marconi (2003, p. 158) destacam que a pesquisa bibliográfica é importante para que o pesquisador conheça mais profundamente seu objeto de estudo:

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações.

No caso, esta pesquisa tem como objeto de estudo as lendas amazônicas a partir da percepção surda considerando a Língua Brasileira de Sinais no contexto da comunidade surda parintinense. Por investigar uma realidade sociocultural, a pesquisa segue a abordagem qualitativa.

A pesquisa de natureza qualitativa apresenta a percepção surda das lendas amazônicas. Nesse tipo de pesquisa “[...] o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas” (Gerhardt; Silveira, 2009, p. 32). Utilizamos o método dialético para investigar a realidade, porque esse método “[...] fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, uma vez que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc.” (Gil, 2008, p. 14).

Utilizamos as pesquisas de Strobel (2008), Vilhalva (2004), Perlin (1988) e Azevedo (2015) que tem trabalhos publicadas na área dos estudos surdos quanto a língua de sinais, a cultura, identidade e literatura surda. A pesquisa aborda a temática

das lendas amazônicas, por esse motivo também utilizamos autores como Cascudo (2003; 2006), Pozzetti (2015) e Almeida (2005).

A pesquisa foi desenvolvida em etapas que consistem em: levantamento bibliográfico para leituras, fichamentos e resenhas críticas; produção de vídeos das lendas em Libras; tradução dos vídeos para língua portuguesa escrita; elaboração de roteiro dos desenhos e pesquisa de imagens sobre as lendas; elaboração das cartilhas e análise do produto final.

2.1 Etapas da pesquisa

A primeira etapa da pesquisa foi o levantamento bibliográfico para a composição do referencial teórico com obras sobre lendas amazônicas e literatura surda. A pesquisa das obras foi realizada na Biblioteca do Centro de Estudos Superiores de Parintins que possui livros relacionados a literatura oral, lendas e folclore. Além disso, buscamos na *internet* livros sobre cultura, identidade e literatura surda e língua de sinais, com a destaque a Libras, para a realização de leituras e fichamentos.

Na segunda etapa selecionamos as lendas que fazem parte do *corpus* de análise. A escolha considerou as lendas que eram conhecidas pelo pesquisador para que este pudesse gravar vídeos em Libras contando essas narrativas a partir de suas experiências. Foram escolhidas lenda, a saber: Lenda do Boto; Lenda do Curupira; Lenda do Jurupari; Lenda da Yara; Lenda Cobra Grande; e Lenda do Guaraná.

A terceira etapa compreendeu a tradução para língua portuguesa escrita das lendas em libras realizada por tradutoras intérpretes do Centro de Estudos Superiores de Parintins. As traduções foram acompanhadas pelo pesquisador surdo para que fossem coerentes com o contexto da sinalização em Libras.

A partir da tradução das lendas, iniciamos a etapa de produção dos desenhos das lendas. Primeiramente com a elaboração de um roteiro de desenhos para que combinar com o texto traduzido, organizando a narrativa através das imagens. Feito isso, iniciamos o processo de pesquisa de imagens que serviram como base para os desenhos produzidos pelo pesquisador.

Tendo finalizado todo o processo de realização dos desenhos que ilustrariam as narrativas das lendas amazônicas escolhidas, iniciamos o processo de organização

das cartilhas. As lendas foram organizadas em duas cartilhas, cada uma é composta por três narrativas.

A primeira cartilha é composta da Lenda do Boto, da Lenda do Curupira e da Lenda do Jurupari. A segunda tem a Lenda da Yara; Lenda Cobra Grande; e Lenda do Guaraná. A divisão das lendas foi combinada para que as cartilhas tivessem números de páginas iguais.

As cartilhas são compostas pelos desenhos produzidos pelo pesquisador, a narrativa em língua portuguesa e a datilologia do texto, considerando o que foi apresentado na introdução. Escolhemos apresentar as narrativas em datilologia pensando na contribuição que o estudo do alfabeto manual por meio das lendas amazônicas pode auxiliar na sinalização de alunos que estão tendo o primeiro contato com a Libras.

Finalizado o processo de pesquisa e produção das cartilhas, analisamos os resultados obtidos que são apresentados no próximo capítulo da pesquisa quanto a percepção surda das lendas amazônicas a partir da perspectiva de um pesquisador surdo.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 PERCEPÇÃO SURDA SOBRE NARRATIVAS LENDÁRIAS

O ambiente amazônico é representado por muitas narrativas e histórias que tem como personagens principais seres encantados e se transformam em animais e depois tornam-se seres humanos, ou são formados por duas metades, uma parte animal e parte humana, a exemplo temos o Boto e a Yara, em um ambiente que destaca a natureza.

Seres encantados que convivem com a natureza, os animais, as árvores, os rios. Loureiro (2002) explica que a Amazônia apresenta uma riqueza mágica formada pela floresta, os rios, os pássaros, os peixes, os animais, o homem, os deuses, estes personagens compõem o imaginário amazônico e as lendas. Narrativas que descrevem a vida do povo ribeirinhos e habitantes das regiões de floresta.

O ambiente amazônico é marcado por narrativas com a presença de encantarias, parte dessa cultura, e apresentado como cósmico, marcado pela floresta e pela comunhão do sujeito com a natureza (Pissinatti; Sampaio, 2022, p. 1118).

Essa percepção sobre a Amazônia também é vista pela comunidade surda que se relaciona e vive a mesma cultura amazônica da mesma forma que os ouvintes. As narrativas lendárias também fazem parte da cultura surda por meio da visualidade, foi através das experiências visuais que o povo surdo absorveu essas narrativas.

A Amazônia é sonho, encantamento e magia, povoada de seres encantados que vivem e protegem a mata, que explicam fenômenos do cotidiano do homem amazônico e da natureza. Desde os primeiros colonizadores quando vieram para a Amazônia já consideravam a região como um jardim encantado, um paraíso verde.

[...] as marcações da cultura amazônica presentes na literatura surda constituem uma forma de resgatar a identidade específica presente nos sujeitos surdos dessa região, marcada pela visualidade, pela floresta e pelo rio, elementos também presentes nas narrativas da comunidade surda amazônica (Pissinatti; Sampaio, 2022, p. 1119).

A visualidade para o povo surdo é uma importante ferramenta de comunicação, é por meio da visão que o sujeito surdo compreende o mundo e o mundo faz sentido.

É o visual que permite o acesso a informações, saberes e conhecimentos, que o surdo se reconhece como sujeito amazônico que contempla a floresta, os rios e os animais.

O contexto de vivência amazônica para o surdo é o mesmo que do ouvinte, ambos se relacionam com a natureza e fazem dela parte do seu cotidiano, assim se constitui o povo amazônico. É em diálogo com a floresta que ser surdo amazônica compreende sua dupla cultura, de ser surdo e de ser amazônico.

De que forma os surdos amazônicos compreendem a dinâmica da floresta e suas lendas? A experiência visual e língua de sinais permitem que as narrativas amazônicas cheguem até a comunidade surda por meio de uma literatura visual surda que contempla o jeito de ser surdo, marcado por uma cultura identitária própria que destacam aspectos como a literatura surda através da contação de histórias.

Em se tratando de histórias dentre os surdos podem ser encontrados aqueles que são verdadeiros contadores de histórias. O registro dessas produções artísticas é socialmente relevante para os surdos assim como são os registros das histórias dos ouvintes para ouvintes. Por outro lado, quando se trata de propagar o jeito de ser surdo e as características da sua cultura, o contato dos ouvintes com as histórias da Literatura Surda é de grande valia para que eles se apropriem desses conhecimentos surdos (Medeiros; Cabral, p. 4).

Esse processo de contação de história foi utilizado nessa pesquisa e que buscou apresentar narrativas lendárias amazônicas a partir da percepção de um pesquisador surdo que produziu histórias autorais baseadas em suas experiências visuais a partir dos conhecimentos sobre as lendas que adquiriu das narrativas contadas por seus familiares.

As narrativas presentes nessa pesquisa apresentam a percepção surda de narrativas geralmente consideradas como parte da literatura oral, como a da Lenda do Boto, da Lenda do Curupira, da Lenda do Jurupari, da Lenda da Yara, Lenda Cobra Grande e Lenda do Guaraná.

Almeida (2005) caracteriza alguns desses seres encantados, o Boto é um ser mitológico amazônico que se transforma em um lindo homem vestido com roupas elegantes e chapéu branco que gosta de seduzir as mulheres, faz com elas se apaixonem por ele e depois some, deixando-as grávidas e nunca mais retorna para o mesmo lugar.

O Curupira é o protetor das matas e dos animais que castiga os caçadores e faz eles se perderem na floresta, adora brincar e enganar aqueles que prejudicam a natureza. Tem os dois pés virados para trás, cabelo de fogo e baixa estatura. O

Jurupari é um ser que tem o corpo parecido com a forma humana, mas possui uma enorme boca na barriga e apenas um olho. “O Jurupari emite gritos medonhos, capazes de serem ouvidos a quilômetros de distâncias, segundo os caboclos” (Almeida, 2005, p. 50).

A Yara ou Iara é uma mulher encantada que possui uma cauda de peixe, parecida com uma sereia, que vive nos rios e em certas horas do dia vai para a superfície, começa a pentear seus cabelos e cantar. A lenda diz que o canto da Yara hipnotiza os homens que seguem seu canto e caminham em direção ao rio. Sem perceber acabam se afogando porque foram seduzidos pelo canto da Yara.

A Cobra Grande é conhecida por habitar os rios da Amazônia, em contexto mais local, acredita-se que a Cobra Grande vive embaixo da cidade de Parintins. Esse ser gigantesco é responsável por causar medo em pescadores e naufragar embarcações, sendo a protetora dos rios amazônicos.

A maioria das lendas amazônicas nascem na cultura indígena, por exemplo, a Lenda do Guaraná, é uma narrativa que explica a origem de um fruto muito importante para a cultura sateré-mawé. Conta a lenda que em uma tribo, Tupã abençoou um casal que desejar ter um filho, o menino nasceu e era amado por todos, o que despertou a inveja de Jurupari, o deus da escuridão, que decidiu envenenar o menino transformando-se em cobra. Após a morte do menino, Tupã, vendo o sofrimento da aldeia, diz para que a mãe do menino enterre seus olhos, desse lugar nasce uma planta que possuía frutos parecidos com os olhos menino, esse novo fruto é o Guaraná.

Diante disso, as lendas apresentadas dialogam com as narrativas difundidas pela literatura oral e escrita da comunidade ouvinte e estão enraizadas na cultura dos povos da Amazônia que são conhecedores de seres encantados que vivem no imaginário da floresta. Aqui, essas narrativas foram transmitidas numa perspectiva de possibilitar o ensino de aspectos da cultura surda e da língua de sinais para difundir a comunidade surda.

3.2 TRADUÇÃO DAS LENDAS AMAZÔNICAS

Apresentamos a seguir as traduções das lendas selecionadas para compor essa pesquisa. O texto em língua portuguesa corresponde as narrativas que foram

gravadas em Libras e traduzidas para o português por intérpretes do Centro de Estudos Superiores de Parintins.

O processo tradutório foi acompanhado pelo pesquisador surdo para que este pudesse analisar o texto escrito em coerência com a sinalização e reconhecesse no texto a sua autoria, condizente com o que foi sinalizado nos vídeos em Libras pelo pesquisador.

Esse processo de revisão da tradução realizado pelo pesquisador surdo é importante para a validação do texto. As narrativas traduzidas foram adaptadas para descrever os desenhos e compõem as cartilhas elaboradas sobre as lendas amazônicas. O texto também foi apresentado por meio da escrita em datilologia.

As narrativas gravadas em Libras são autorais do pesquisador surdo baseadas em suas memórias e nos relatos de familiares sobre as lendas amazônicas. Também são resultados do contato com as lendas no decorrer da graduação nas disciplinas de literatura.

Destaca-se também que a temática escolhida para esta pesquisa partiu da experiência de bolsista em projeto de extensão desenvolvido no CESP-UEA no período de 2019 a 2020 com o tema “Lendas amazônicas: da Língua oral auditiva a Língua visual gestual”.

A partir das narrativas foi realizado o processo de desenhos para ilustrar os textos. A escolha por desenhos é coerente com a dinâmica da experiência visual que é um dos artefatos da comunidade surda. Por meio do desenho possibilitamos que a pessoa surda consiga melhor apreender as narrativas escritas em língua portuguesa.

Além disso, como já foi explicado anteriormente, a opção do texto em datilologia é uma maneira de evidenciar a Libras e auxiliar no processo inicial de aquisição da Libras. Assim como no ensino da língua portuguesa que, primeiramente, as crianças ouvintes aprendem as letras do alfabeto, o ensino de Libras para crianças surdas também se inicia com a aprendizagem do alfabeto manual no processo de alfabetização.

A experiência acadêmica possibilitou uma melhor compreensão das lendas amazônicas e suas influências na cultura dos povos amazônicos, entendendo que não se trata apenas de narrativas folclóricas e ficcionais, mas de narrativas que compõem o imaginário dos habitantes da região amazônica e constituem sua cultura e identidade.

3.2.1 Lenda do Boto

Figura 4: Lenda do Boto.



Fonte: Arquivo pessoal. Vinente, 2023.

Conta a lenda que quando o sol se põe e as águas dos rios ficam tranquilas, o Boto encantado começa a se exhibir e espera atentamente até a meia-noite para se transformar em um homem lindo e charmoso com roupas brancas e seu chapéu. O Boto começava a caminhar pela comunidade no interior, observando de longe o movimento das casas das festas.

O Boto via as pessoas dançando, se divertindo, a música tocando alto, todos bebendo agitados. Ele fica pensando: - Eu vou lá! Caminha em direção as festas, chegando todo elegante, logo quando entrava as mulheres, mesmo com seus namorados, olhavam para ele porque sua beleza chamava atenção.

O Boto chegava, parava no bar e pedia uma bebida, as moças todas ficavam encantadas com o quanto ele era lindo. Ele se aproximava delas convidando-as, para beber, dançar, via os casais e não se importava com os namorados, pois ele sabia que encantava com tanta beleza, tinha o controle sobre as mulheres e viviam uma noite de amor e de desejos.

O Boto causava ciúme entre os casais, os namorados ficavam com muita raiva, pois eles sentiam o desprezo de suas mulheres e sabiam que aquele homem só queria diversão e aproveitar-se delas. Mas o boto dizia que só queria se divertir e para evitar confusão, ia trocando e dançando com todas as mulheres.

Mas, quando era chegado o momento do encanto se quebrar, o belo homem saía correndo de volta para o rio e transformava-se em Boto novamente. As mulheres apaixonadas e grávidas, saíam à procura do homem vestido de branco e chapéu, mas não conseguiam encontrá-lo, ficam tristes e sozinhas esperando o boto. Mas ele já tinha fugido e ido para festas em outras regiões.

3.2.2 Lenda do Curupira

Num dia em uma floresta que podíamos ver diversas árvores lindas e maravilhosas e um rio de águas limpas, na hora do pôr do sol, o Curupira saía pela mata observando tudo, sempre atento. Então, um grupo de pessoas entrou na floresta, um deles era um caçador, ficava olhando para todos os lados tentando ouvir o som da onça pintada, por isso pedia para todos ficarem em silêncio, mas não ouvia nada e continuava andando pela floresta.

Figura 5: Lenda do Curupira.



Fonte: Arquivo pessoal. Vinente, 2023.

O Curupira ficava de longe observando o grupo de pessoas e estava desconfiado. O caçador continuou andando pela floresta e via as árvores de troncos altos e enormes, começou a destruir a floresta e derrubá-las. O Curupira começou ficou com raiva, a onça pintada, os pássaros e todos os animais começaram a fugir.

Enquanto o caçador ficava rindo, organizando a madeira para levar até o barco e o Curupira enraivado com o que acontecia com a floresta. Depois de tudo, o tempo começou a ficar quente, muito sol, muito calor sem as árvores, que era ruim para a vida dos animais, após isso o caçador ainda pôs fogo na floresta e os animais fugiram para mais longe.

3.2.3 Lenda do Jurupari

Figura 6: Lenda do Jurupari.



Fonte: Arquivo pessoal. Vinente, 2023.

Um homem estava andando pela floresta e convidou cinco pessoas para irem junto com ele. Enquanto andavam pela floresta, iam olhando para todos os lados admirando as grandes árvores. Até que eles encontram uma árvore com um tronco enorme e ficam impressionados com a altura da árvore. Começaram a conversar sobre como a árvore era grande.

O homem chamou as pessoas para medir o tamanho da árvore e disse que era essa a árvore certa: “Pode derrubar”. Um dos homens pegou a serra elétrica e começou a cortar a árvore até ela cair, fazendo um grande barulho de tremer o chão. O Jurupari ouviu o barulho da serra elétrica e ficou enfurecido, depois várias árvores foram derrubadas, as águas do rio ficaram poluídas e começaram a colocar fogo na floresta.

A onça pintada fugiu gritando, os pássaros fugiram também, os passarinhos caíram de seus ninhos, tudo foi muito ruim. Como era possível isso acontecer? O Jurupari, um homem alto com uma grande boca na barriga, ouviu tudo isso e saiu à procura de quem tinha feito. Quando encontrou os homens viram o Jurupari, gritaram de medo e fugiram correndo o mais rápido que puderam.

Então, o Jurupari fica enraivado quando derrubam as árvores, queimam a floresta e poluem os rios matando os peixes, deixando a floresta vazia. Isso não pode ser possível, por isso o Jurupari se enfurece. A floresta é importante, as árvores deixam o ar mais limpo para respirar, as águas ficam mais limpas, os pássaros voando pelo céu é bonito. Jurupari é o protetor da floresta.

3.2.4 Lenda da Yara

Figura 7: Lenda da Yara.



Fonte: Arquivo pessoal. Vinente, 2023.

A história que vamos narrar é a lenda da Yara, contam os antigos que há muito, muito tempo atrás, algumas famílias ribeirinhas que habitavam da região dos interiores nas áreas de florestas, contavam que em uma certa hora da noite era preciso evitar o rio, porque surgia uma linda mulher que ficava sentada em uma pedra as margens do rio, seu corpo era metade mulher e metade peixe.

Os homens que ali trabalhavam, durante o dia não sentiam nada, mas quando a noite chegava e ficavam nas janelas de suas casas para admirar a noite, as estrelas,

o vento soprando nas árvores, olhando a lua sobre o rio. A Yara ficava penteando seus cabelos enquanto cantava, seu canto era forte e os homens eram seduzidos pelo canto da lara.

Quando os homens ouviam seu canto ficavam hipnotizados e começavam a andar em direção às águas do rio. Eles se sentiam chamados pelo canto da Yara que os controlava, seus corpos iam sendo afundados nas águas e o canto da Yara os encantava, levando-os para o fundo do rio e nunca mais voltavam.

3.2.5 Lenda da Cobra Grande

Figura 8: Lenda da Cobra Grande.



Fonte: Arquivo pessoal. Vinente, 2023.

Segundo a lenda, a Cobra Grande surge nas regiões ribeirinhas no interior do Amazonas que é próprio da cultura da região. Um pescador estava tranquilamente pescando, não sabia que a Cobra Grande vivia nas águas daquele rio, quando de repente surgiu das águas a Cobra Grande, o rio ficou agitado, a canoa começou a balançar, o pescador ficou olhando para a cobra com medo sem saber o que fazer.

Outra versão da história, aconteceu na frente da cidade de Parintins, quando as águas do rio baixavam, os jovens brincavam de pular na água e nadar e os barcos e canoas paravam ali perto. Quando as águas subiam, lá debaixo do rio vivia a Cobra Grande, as pessoas não sabiam de nada, essa é uma história que é contada em Parintins.

3.2.6 Lenda do Guaraná

Havia uma família indígena e o Deus do Trovão, Tupã, o Deus bondoso. Vocês observem que irei explicar e farei um breve resumo dessa lenda. Um casal indígena queria muito ter um filho, mas não conseguiam. O Deus Tupã veio até ela que desejava muito ter um filho, então Tupã abençoou com um filho, ela agradeceu a Tupã e ficou muito feliz.

Figura 9: Lenda do Guaraná.



Fonte: Arquivo pessoal. Vinente, 2023.

Com o passar do tempo, veio Jurupari, o Deus da escuridão e do mal, que se transformou em uma cobra e esperando o momento para matar o menino porque tinha muita inveja dele. Saiu procurando o menino pela floresta e quando encontrou, envenenou o garoto que morreu. A família muito preocupada começou a procurar o menino e quando encontrou a criança estava morta.

Deus Tupã pediu a mãe menino retirasse os olhos do menino e enterrasse. A mãe do menino começou a chorar e as lágrimas caíram sobre a terra e de lá surgiu uma árvore diferente. Todos ficaram observando a árvore, Tupã os abençoou com uma árvore de frutos que pareciam os olhos do menino. Todos a aldeia ficaram surpresos porque era uma planta diferente, eles passaram a admirar a árvore, com os frutos eles fazia uma bebida que dava energia e força.

3.3 PRODUÇÃO DAS CARTILHAS DAS LENDAS AMAZÔNICAS

As lendas amazônicas constituem-se como uma literatura que retrata os aspectos culturais próprios da região amazônica. É interessante percebermos que as narrativas, em sua maioria, apresentam seres encantados e místicos que compõem imaginário do povo ribeirinho. Esses seres míticos justificam e explicam a origem das coisas.

Também vemos que as narrativas lendárias estão muito ligadas à floresta e à natureza. Muitos desses seres encantados atuam como forma de proteger e preservar os seres da floresta. Vale ressaltar que a lenda é um gênero comumente entendido como parte da literatura oral. No entanto, é possível perceber ainda que as lendas sejam consideradas produtos da oralidade, elas também estão presentes na cultura surda.

Porque o sujeito surdo, morador da região amazônica, também faz parte dessa cultura e eles também tem acesso a essas narrativas por meio da Língua Brasileira de Sinais. Nesse sentido, a produção dessas cartilhas das lendas amazônicas tem como objetivo fomentar o acesso a essas histórias.

A opção pelo uso da datilologia dos textos parte da experiência enquanto acadêmico bolsista do Programa de Monitoria do Centro de Estudos Superiores de Parintins, realizada no curso de Letras na disciplina de Língua Brasileira de Sinais. Percebemos as dificuldades dos acadêmicos na sinalização e execução das configurações de mão do alfabeto manual. Ao utilizar a datilologia pretendeu-se construir um material de apoio para as aulas de Libras como forma para que os acadêmicos praticassem a datilologia da Libras, o que ajudaria no processo de sinalização da Libras.

Datilologia ou alfabeto manual é um sistema de representação, quer simbólica, quer icônica, das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, 173 por meio das mãos. É útil para se entender melhor a comunidade surda, faz parte da sua cultura e surge da necessidade de contato com os cidadãos ouvintes, fazendo parte da LIBRAS - 2º Língua Oficial Brasileira, ainda com pouca difusão, e expansão. Baseando-se no fato que a configuração das mãos ao representar o Alfabeto Manual, assemelha-se muito ao alfabeto escrito (Fernandes; Romeiro, 2016, p. 172-173).

A construção da cartilha em datilologia também pode ser uma ferramenta pedagógica no processo de alfabetização de crianças e estão no processo de aquisição da Libras, tendo o alfabeto manual um dos primeiros aspectos da língua de sinais que é

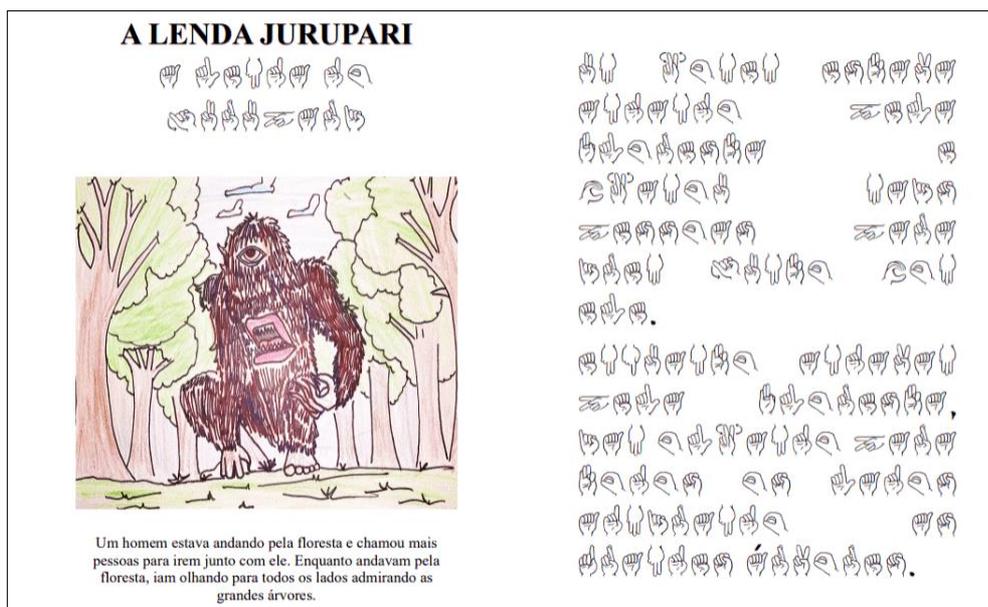
ensinado para as crianças quando começam a aprender a sinalização das letras do alfabeto e, posteriormente, o aprofundamento nos estudos da língua.

Outro aspecto importante que destacamos na produção das cartilhas é que foram ilustradas com desenhos a partir da percepção do pesquisador surdo e de pesquisas de imagens de referência para compor as narrativas. Fazer uma cartilha por meio de desenhos também parte da relação que o pesquisador tem com as artes e também como forma de apresentar um dos aspectos importantes da cultura surda que é a experiência visual.

Para a construção das cartilhas, primeiramente, foi elaborado um roteiro de desenhos a partir das traduções realizadas dos seis vídeos em Libras das narrativas produzidos pelo pesquisador, nos quais narra as lendas amazônicas selecionadas para esta pesquisa.

O texto presente nas cartilhas foi adaptado dessas traduções para a datilologia em Libras e cada trecho da narrativa é ilustrado por meio de um desenho. Na organização da página das cartilhas temos o título da lenda em língua portuguesa e datilologia, o desenho, o texto escrito em português, seguido da datilologia.

Figura 10: Páginas da cartilha.



As cartilhas sendo estruturadas em língua portuguesa e em datilologia possibilitam o processo de alfabetização as crianças surdas, tendo o acesso às duas

línguas, tanto na Libras por meio da datilologia quanto da língua portuguesa para a aquisição do português como segunda língua.

A organização da cartilha segue as orientações de Quadros (2006) quanto ao processo de leitura no contexto do aluno surdo, elencando alguns níveis de leitura que pressupõe a associação entre o alfabeto manual e a palavra escrita, em que aluno desenvolve a habilidade de:

[...] ler a palavra representada por meio do desenho relacionada com o objeto em si ou a forma da ação representado por meio do desenho na palavra. [...] estabelecer a relação entre o sinal e a palavra no português soletrado por meio do alfabeto manual. [...] associar a palavra escrita com o alfabeto manual. [...] ler a palavra no texto (Quadros, 2006, p. 43).

Na experiência enquanto monitor na disciplina de Libras também é abordado a questão da literatura surda em que se realizam atividades de adaptação das lendas com os acadêmicos. O material produzido pode subsidiar as aulas de Libras no Centro de Superior de Parintins.

Figura 11: Páginas da cartilha.



Fonte: Arquivo pessoal. Vinente, 2023.

Os acadêmicos podem praticar o alfabeto manual e interpretar para Libras o texto de autoria surda e, assim, desenvolver melhor os parâmetros da língua de sinais como a configuração de mão. Lembrando que o alfabeto manual compõe apenas uma parte das configurações de mão utilizadas na Libras.

É importante destacar que para além da cartilha, um outro resultado da pesquisa foi a aplicação da oficina realizada na V Feira do Livro Comunitária, realizada no Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro, voltada para acadêmicos do CESP-UEA e alunos de escolas públicas estaduais de Parintins.

A oficina tinha como temática “As Múltiplas Faces do Letramento em Libras das Lendas Amazônicas” com o objetivo de potencializar o letramento literário por meio lendas amazônicas em Libras. A oficina foi ministrada pelo pesquisador surdo em que apresentamos os sinais referentes as lendas amazônicas, a datilologia dessas lendas e também a interpretação em Libras da Lenda do Boto para a comunidade acadêmica e escolar.

A oficina resultou em dados significativos que contribuem para o letramento literário em Libras, na medida em que possibilitou a troca de experiências entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte, no processo de difusão da cultura e literatura surda e da Língua Brasileira de Sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção surda das lendas amazônicas por meio da literatura surda e da Língua Brasileira de Sinais apresenta a visão do pesquisador surdo sobre essas narrativas. As lendas são histórias que retratam a cultura da região amazônica, seus povos e suas origens.

Nos elementos que compõem as narrativas percebemos a apresentação da natureza como foco principal e os seres encantados da floresta, em sua maioria, tem o objetivo de preservação das florestas, dos animais, dos rios, da vida. Atuam como protetores das matas e também fazem parte do folclore, as lendas apresentam características da região.

Na percepção surda, podemos ver que é importante a composição de narrativas que apresentem a visualidade amazônica, considerando a experiência visual que a comunidade surda tem dessas narrativas. Ainda que as lendas amazônicas estejam inseridas dentro de uma perspectiva da literatura oral, essas narrativas também representam o povo surdo que possui sua própria cultura. Mas dentro da cultura surda está a sua cultura amazônica.

Nesse sentido, que a pesquisa buscou oportunizar o acesso às lendas amazônicas a partir da percepção surda considerando a língua de sinais a partir da produção de cartilhas que apresentam ilustrações dessas lendas, traduções em língua portuguesa e datilologia.

As cartilhas das lendas amazônicas produzidas podem ser importantes ferramentas pedagógicas para possibilitar o melhor desenvolvimento e aquisição inicial da língua sinais que tem como ponto inicial desse processo de ensino-aprendizagem o conhecimento acerca do alfabeto manual ou datilologia.

Na alfabetização de crianças surdas, primeiramente, inicia-se com a aprendizagem das letras do alfabeto datilológico e depois o aprofundamento na língua materna do surdo. Para a comunidade ouvinte, o material pode ser utilizado de igual modo, considerando que o primeiro contato que os ouvintes têm a língua de sinais é pela apreensão do alfabeto manual.

Por isso, entendemos ser importante a difusão da datilologia como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem e aquisição da Libras, pois a partir da

experiência em aulas de monitoria percebeu-se a dificuldade dos acadêmicos na produção de sinais partir da configuração de mão do alfabeto manual.

Entendemos que muitos sinais em Libras são produzidos a partir das configurações de mão do alfabeto manual, mas é importante ressaltar que as configurações de mão da Língua Brasileira de Sinais não se limitam apenas às letras do alfabeto manual. Existem 64 configurações de mão e o alfabeto datilológico representa somente uma parte importante dessas configurações que compõem a produção de sinais em Libras.

Além disso, a utilização de materiais que dão visibilidade a Libras e ao português no processo de alfabetização de crianças surdas também pode contribuir para o desenvolvimento da coordenação motora e a partir da sinalização do alfabeto manual e, conseqüentemente, melhorar a execução de outros sinais.

A partir dos resultados alcançados, a pesquisa espera contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas, principalmente, no que diz respeito a literatura surda que ainda é uma área pouco pesquisada na região amazônica. É necessário que trabalhos e produtos voltados para a difusão da cultura surda sejam produzidos como forma de dar visibilidade a comunidade surda.

Mesmo com o avanço das políticas públicas de inclusão e que a comunidade surda em Parintins tenha alcançado mais espaço na sociedade, ainda se faz necessário a luta para a efetivação das políticas inclusivas existentes e o reconhecimento do sujeito surdo como indivíduo de autonomia.

A literatura surda é uma forma de evidenciar a comunidade, a cultura e a identidade, dando protagonismo às narrativas em contexto surdo por meio de traduções, interpretações e adaptações, incentivando a produção literária de autoria surda, da forma como se pretendeu essa pesquisa.

Pesquisar e apresentar as lendas amazônicas numa perspectiva surda trouxe importantes contribuições para a formação do pesquisador surdo que pode estar em contato com duas culturas que se completam e se significam. O ser surdo amazônico é uma identidade que se constrói a partir do cotidiano social, do diálogo e da interação com as pessoas, sejam elas surdas ou ouvintes, e com a natureza que é o cenário onde as lendas amazônicas se tornam concretas e compõem cultura e o imaginário dos povos amazônicos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José. **Os mistérios da Amazônia**. Manaus: Editora Uirapuru, 2005.

AMOEDO, Francisca Keila de Freitas. **Ensino das ciências**: diálogo na educação infantil e a aprendizagem da criança surda, na cidade de Parintins/AM. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia) – Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2017.

AZEVEDO, Marlon Jorge Silva de. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia da Folclore Brasileiro**. v. 1. 9 ed. São Paulo Global, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasi**. 2. ed. São Paulo Global, 2006.

FERRAZ, Charles Lary Marques. Dicionário de configurações das mãos em libras. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019.

FERNANDES, Carla Caballero; ROMEIRO, Camila de Araújo. A contribuição da datilologia como estratégia metodológica no processo de alfabetização. Revista Diálogos. V. 4, N. 1. 2016.

FERNANDES, Sueli. **Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Curitiba: IESDE Brasil, 2018.

GERHARDT, Tatiana Engel; SIILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KARNOPP, Lodenir Becker; MACHADO, Rodrigo Nogueira. **Literatura Surda**: ver histórias em língua de sinais. In: II SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO, Canoas, ULBRA, 2006. p. 1-13.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura surda**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Elementos de estética**. 3. ed. Belém/PA: EDUFA, 2002.
OLIVEIRA, Carmem Elisabete de; BOLDO, Jaqueline. **A cigarra surda e as formigas**. Rio Grande do Sul: NPS Jornalismo/Corag, 2003.

PERLIN, Gladis T. T. Identidades Surdas. In: Skliar, Carlos. (org.). **A surdez um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre Mediação, 2013, p. 51-73.

POZZETTI, Gislaine Regina. **Revisitação do lendário amazônico através da escritura dramática**. Manaus: UEA Edições, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHIMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

SALES, Taísa Aparecida Carvalho (org.). **Onze Histórias e um Segredo**: desvendando as lendas amazônicas. Manaus, AM: Dalmir Pacheco de Souza, 2016.

STROBEL, Karin. Os artefatos culturais do povo surdo. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008, p. 37-78.

VILHALVA, Shirley. **O despertar do silêncio**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2004.

O Boto começava a caminhar pela comunidade no interior, observa movimento das festas, as pessoas dançando, se divertindo, a música tocando alto, todos bebendo agitados.



o boto começou a caminhar pela comunidade no interior, observa movimento das festas, as pessoas dançando, se divertindo, a música tocando alto, todos bebendo agitados.

Caminhava pelas festas, chegando todo elegante, logo quando entrava as mulheres, mesmo com seus namorados, olhavam para ele porque sua beleza encantava.



Caminhava pelas festas, chegando todo elegante, logo quando entrava as mulheres, mesmo com seus namorados, olhavam para ele porque sua beleza encantava.

Chegava, parava no bar e pedia uma bebida, as moças todas ficavam focando sobre o quanto ele era lindo. Ele se aproximava delas convidando-as, para beber e dançar.



Chegava, parava no bar e pedia uma bebida, as moças todas ficavam focando sobre o quanto ele era lindo. Ele se aproximava delas convidando-as, para beber e dançar.

O Boto ia trocando e dançando com todas as mulheres, sabia que encantava com tanta beleza, tinha o controle sobre as mulheres e viviam uma noite de amor.



O Boto ia trocando e dançando com todas as mulheres, sabia que encantava com tanta beleza, tinha o controle sobre as mulheres e viviam uma noite de amor.

Mas, quando era chegado o momento do encanto se quebrar, o belo homem saía correndo de volta para o rio e transformava-se em boto novamente.



Quando o encanto se quebrava, o homem saía correndo de volta para o rio e transformava-se em boto novamente.

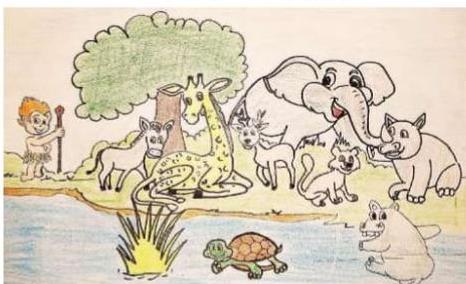
As mulheres apaixonadas e grávidas, procuravam o homem vestido de branco e chapéu, mas não conseguiam encontrá-lo, ficam tristes e sozinhas esperando o Boto.



As mulheres apaixonadas e grávidas, procuravam o homem vestido de branco e chapéu, mas não conseguiam encontrá-lo, ficam tristes e sozinhas esperando o Boto.

A LENDA DO CURUPIRA

Curupira



Em uma floresta cheia de árvores e com um rio de águas limpas, na hora do pôr do sol, o Curupira andava pela mata observando tudo.

Curupira andava pela mata observando tudo.

O Curupira viu um grupo de pessoas e ficou desconfiado. Um caçador andava pela floresta e via as árvores de troncos altos e enormes, começou a destruir a floresta e derrubá-las.



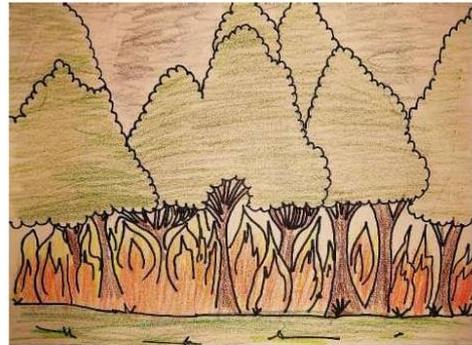
O Curupira viu um grupo de pessoas e ficou desconfiado. Um caçador andava pela floresta e via as árvores de troncos altos e enormes, começou a destruir a floresta e derrubá-las.

O Curupira ficou com raiva, a onça pintada, os pássaros e todos os animais começaram a fugir. Depois de tudo, o tempo era muito calor sem as árvores e ruim para a vida dos animais.



O Curupira ficou com raiva, a onça pintada, os pássaros e todos os animais começaram a fugir. Depois de tudo, o tempo era muito calor sem as árvores e ruim para a vida dos animais.

Após isso, os caçadores ainda colocaram fogo na floresta e os animais fugiram para mais longe.



Após isso, os caçadores ainda colocaram fogo na floresta e os animais fugiram para mais longe.

O Curupira fez os caçadores se perderem na floresta, passaram fome e sede e demoraram para encontrar o caminho de volta para casa.



O Curupira fez os caçadores se perderem na floresta, passaram fome e sede e demoraram para encontrar o caminho de volta para casa.

A LENDA JURUPARI

Jurupari é um ser mágico que vive na floresta e gosta de brincar com as crianças.



Um homem estava andando pela floresta e chamou mais pessoas para irem junto com ele. Enquanto andavam pela floresta, iam olhando para todos os lados admirando as grandes árvores.

O Jurupari, um homem alto com uma grande boca na barriga, ouviu tudo isso e saiu à procura de quem tinha feito.



O Jurupari viu o menino e ficou muito bravo. Ele correu atrás dele e gritou muito alto. O menino ficou muito assustado e correu rápido. Ele correu até a casa de sua mãe e contou tudo o que aconteceu. Sua mãe ficou muito preocupada e chamou o pai dele. O pai dele ficou muito bravo também e foi atrás do Jurupari. Ele encontrou o Jurupari e lutou com ele. O Jurupari ficou muito machucado e morreu. O menino ficou muito feliz e agradeceu a todos os animais da floresta.

Os homens viram o Jurupari, gritaram de medo e fugiram correndo o mais rápido que puderam.



Os homens viram o Jurupari e ficaram muito assustados. Eles gritaram de medo e fugiram correndo o mais rápido que puderam. O Jurupari ficou muito bravo e ficou atrás deles. Ele queria comer os homens, mas eles fugiram muito rápido. O Jurupari ficou muito frustrado e ficou sozinho na floresta.

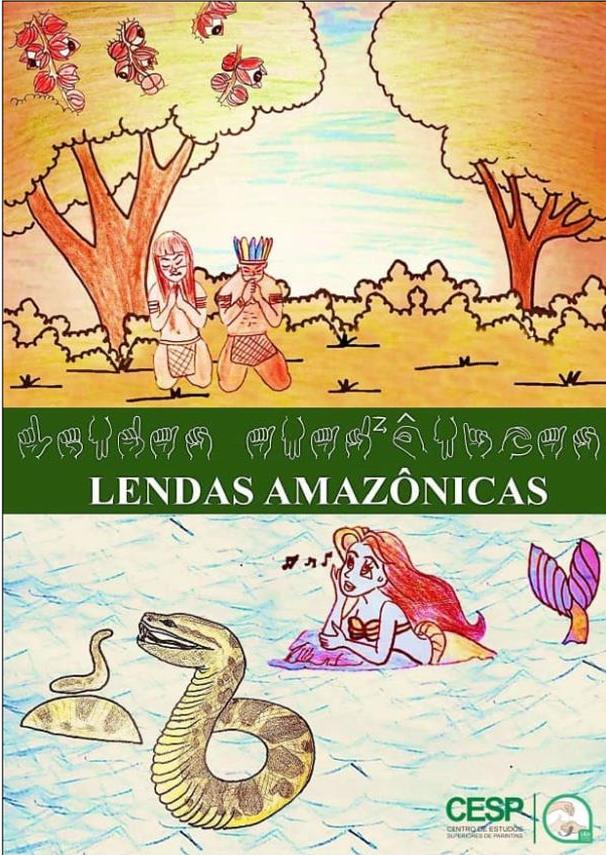
A floresta é importante, as árvores deixam o ar mais limpo para respirar, as águas ficam mais limpas, os pássaros voando pelo céu é bonito. Então, o Jurupari é o protetor da floresta.



A floresta é importante, as árvores deixam o ar mais limpo para respirar, as águas ficam mais limpas, os pássaros voando pelo céu é bonito. Então, o Jurupari é o protetor da floresta. Ele protege todos os animais da floresta e os mantém seguros. Sem a floresta, os animais não teriam onde viver e o mundo seria muito diferente. Então, devemos cuidar da floresta e proteger o Jurupari.



ANEXO B – CARTILHA LENDAS AMAZÔNICAS VOLUME 2



ERICK PANTOJA VINENTE

CARTILHA LENDAS AMAZÔNICAS VOLUME 2

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
PARINTINS – AM
2023

A LENDA DA YARA

Handwritten title in Tupac Katuzi script.



A história que vamos narrar é a lenda da Yara, é contada pelos antigos desde muito tempo atrás.

Handwritten introductory text in Tupac Katuzi script.



Handwritten descriptive text in Tupac Katuzi script.

Algumas famílias ribeirinhas que habitavam da região dos interiores e nas áreas de florestas, contavam que em uma certa hora da noite era preciso evitar o rio.

O menino cresceu forte e amado por todos da aldeia, vivia brincando com os animais da floresta.



འ རྒྱུ་ལྷོད་ཀྱི་ འཇུག་ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་

Por isso, Jurupari, o Deus da escuridão e do mal, tinha inveja do menino e se transformou em uma cobra para envenenar a criança.



ལྷོད་ ལྷོད་, ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ ལྷོད་, ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་

Jurupari saiu procurando o menino pela floresta e quando encontrou, envenenou o garoto.



ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་

A família ficou muito preocupada e começou a procurar o menino e quando encontrou a criança estava morta.



ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་
 ལྷོད་ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་
 ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་ ལྷོད་ ལྷོད་ལྷོད་

